

EDUCAÇÃO

Murílio Hingel eleva tom crítico do Consed

Ex-ministro de Itamar fortalece Conselho de Secretários de Educação para diálogo com o MEC

DEMÉTRIO WEBER

BRASÍLIA – Confirmada a eleição do ex-presidente Itamar Franco para o governo de Minas, no ano passado, uma preocupação veio à tona nos corredores do Ministério da Educação (MEC): a indicação, dada como certa, do ex-ministro Murílio Hingel para secretário da Educação. Afinal, o ex-ocupante da cadeira do ministro Paulo Renato Souza é crítico ferrenho de iniciativas do MEC, como o Exame Nacional de Cursos, o Provão. E seu prestígio poderia aglutinar forças de oposição no Conselho Nacional de Secre-

tários de Educação (Consed).

Nos últimos quatro anos, o Consed manteve um diálogo afinado com o ministério. Mas a posse de Hingel e de outros seis secretários de partidos de oposição ao presidente Fernando Henrique Cardoso fez crescer a expectativa de um tom mais crítico no relacionamento até 2002. Antes mesmo de assumir o cargo, o novo secretário de Minas foi chamado para um encontro com Paulo Renato. A conversa, nas palavras do ex-ministro, foi “prazerosa e produtiva”, como ele revela nesta entrevista concedida ao *Estado* na sexta-feira, após dois dias de reunião em que dirigentes do MEC

apresentaram aos secretários seus projetos para a atual gestão.

“Politicamente estou com o governador Itamar e não abro”, declarou Hingel. “Mas, em educação, a política nunca deve interferir nas questões técnicas.” Em seu primeiro mês no cargo, o secretário de 65 anos recomendou às escolas que reavaliem a organização do ensino fundamental (antigo 1.º grau) em ciclos, admitindo a volta à seriação.

Os ciclos são defendidos pelo MEC e até elogiados pelo ex-ministro. “Mas, em Minas, foram implementados de forma autoritária e sem a preparação necessária”, criticou.

Hingel, porém, está entusiasma-

do com o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), teste lançado pelo ministério no ano passado com o intuito de substituir o vestibular. “O Enem retira um dos elementos mais perniciosos do sistema educacional, que são os cursinhos preparatórios”, disse, anunciando que vai discutir com as universidades mineiras a adoção do exame como critério de seleção.

O ex-ministro não gostou, no entanto, da decisão do MEC de suspender este ano os repasses para a construção e reforma de escolas de ensino fundamental no Sul e Sudeste. Hingel quer que parte de Minas – o Vale do Jequitinhonha – seja contemplada pelo Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola), programa com financiamento do Banco Mundial voltado para o Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

A seguir, trechos da entrevista:

PAULO
RENATO PEDIU
REUNIÃO COM
SECRETÁRIO



Hingel: “A política nunca deve interferir nas questões técnicas”

➤ **Estado - O diálogo entre o Consed e o MEC vai ganhar um tom mais crítico com a sua participação?**

Hingel - Antes mesmo de assumir, fiquei sabendo que o ministro Paulo Renato gostaria de me encontrar, caso eu viesse a ser o secretário da Educação de Minas. O governador então eleito Itamar Franco me autorizou a vir a Brasília e fiquei muito satisfeito com a forma como o ministro me recebeu. Foi uma conversa prazerosa e produtiva. Em relação ao Consed, minha expectativa é positiva em termos de diálogo. Mas sei que o conselho vai defender interesses dos Estados, como o Fundef, por exemplo.

Estado - Qual o problema com o Fundef?

Hingel - Uma vez que o governo estabeleceu para 98, e manteve em 99, o custo mínimo por aluno em R\$ 315,00, apenas oito Estados ficaram abaixo desse valor. Nesses Estados realmente passou a haver mais recursos para a educação, porque, além dos recursos do próprio Estado, o governo federal entrou com dinheiro. Na maioria, no entanto, só ocorreu uma realocação. Os Estados vão pleitear uma elevação: já vi estudos que indicam até R\$ 415,00 como o valor mínimo real. Se isso ocorrer, vai aumentar o número de Estados a receber repasse federal, incluindo Minas e o Paraná. Além disso, temos de definir o financiamento do ensino médio.

Estado - O governo federal negocia um empréstimo de US\$ 500 milhões com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para o ensino médio, cabendo aos Estados a contrapartida de mesmo valor. Isso não basta?

Hingel - Não, porque o Promed (Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio) está fundamentado em empréstimos internacionais, que ajudam a melhorar a rede e capacitar professores. Mas e a manutenção, como fica? O maior custo é sempre o da manutenção, ou seja, pagar os professo-

res, a energia, a água. O Promed não resolve essa questão. Tanto que está anunciado como um programa de seis anos. E depois disso?

Estado - Dirigentes do MEC criticaram a sua recomendação às escolas mineiras de rever a organização do ensino fundamental (antigo 1.º grau) em ciclos, admitindo a volta à seriação tradicional. Até porque Minas ficou em primeiro lugar numa avaliação nacional. O senhor é contrário aos ciclos?

Hingel - Não, pedagogicamente eles são defensáveis. Mas, em 97, a Secretaria da Educação de Minas tornou obrigatório o sistema de dois ciclos de quatro anos, sem que essa determinação fosse acompanhada pela capacitação de professores e pelo esclarecimento de pais e alunos. Então, os alunos acharam que não precisavam mais estudar, pois passariam de ano de qualquer maneira, e deixaram isso claro aos professores, que ficaram desestimulados. Faltou esclarecer que o ciclo é um período mais longo de avaliação em que o aluno tem a oportunidade de avançar segundo o seu próprio ritmo. Agora, quanto ao desempenho no Saeb, é bom lembrar que os ciclos foram iniciados em 97: portanto, o resultado alcançado pelos alunos nesse mesmo ano não reflete a nova organização. Isso só vai ser possível daqui a dois anos, nas escolas que mantiverem os ciclos.

Estado - Por que o senhor critica o Provão?

Hingel - O Provão se destina a avaliar os cursos e, em última instância, as instituições. Mas, como fazer isso, se este ano o Provão vai abranger 13 cursos e as instituições têm de 30 a 40 cursos diferentes? É o mesmo problema do vestibular: avalia-se um curso ou um aluno apenas por um momento. Até admito que as provas sejam bem elaboradas. Mas já vi, em São Paulo, faixas anunciando cursos preparatórios para o Provão. É o cursinho para o vestibular entrando em outro terreno. Isso desfigura o sistema educacional.

PROVÃO DESFIGURA SISTEMA EDUCACIONAL